

A importância da elaboração de objetivos educacionais no Ensino Superior

Parte II: redação de objetivos e
expressão da intencionalidade
educativa

Profa. Maria Angélica C. Zanotto



Introdução.

No material *A importância da elaboração de objetivos educacionais no ensino superior - Parte I: bases legais e histórica* (ZANOTTO, 2018), apresentamos algumas das bases legais e históricas da proposição de objetivos educacionais. No presente material focalizamos na elaboração e redação de objetivos, apresentando uma alternativa para esta redação que é a taxonomia de objetivos educacionais de Bloom, tendo em vista também a expressão da intencionalidade educativa do professor. O texto está subdividido em quatro tópicos:

1. O que são objetivos educacionais?
2. Por que utilizar uma taxonomia?
3. Breves palavras sobre a taxonomia de Bloom revisada.
4. Redigindo objetivos com a taxonomia de Bloom.

1. O que são objetivos educacionais?

A prática pedagógica se orienta para alcançar determinados objetivos, por meio de uma ação intencional e sistemática, ainda que nem sempre claramente explicitada (TAVARES, 2011). Essa intenção é expressa justamente nos objetivos educacionais, que se definidos de forma adequada, dão direção e clareza para a definição dos demais componentes do processo de ensino e aprendizagem: facilitam a definição do conteúdo programático e o formato dos materiais didáticos² em que estes conteúdos serão disponibilizados, bem como a sua complexidade; determinam a escolha das atividades dos alunos e orientam a elaboração dos critérios de avaliação, com vistas a manter uma coerência didática. Os objetivos também servem para que os estudantes organizem seus estudos e discriminem entre aquilo que é importante e aquilo que é complemento à aprendizagem proposta. Todas estas são boas razões para justificar o empenho na elaboração de objetivos educacionais no planejamento de disciplinas, unidades, módulos etc. (AYALA, 2005). A figura a seguir resume este parágrafo:

¹ Engenheira florestal pela ESALQ (1987), pedagoga (1992), mestre (1996) e doutora (2002) pela UFSCar. Desde 2008, atua como pedagoga concursada na UFSCar na Secretaria Geral de Educação a Distância. Focos de investigação e atuação: planejamento pedagógico em EaD, blended learning, redes sociais, ferramentas de Web 2.0 para a educação e utilização de tecnologias digitais.

² Os materiais didáticos podem ser disponibilizados em diferentes mídias (textos, imagens, som, vídeo e animações) e tecnologias, (impresso, CD/DVD, internet, dispositivos móveis, ambientes virtuais de aprendizagem, etc). Consultar verbetes em MILL, D. (org), 2018.

Figura 01 – Importância dos objetivos educacionais.

Além de expressar a intencionalidade do professor, os objetivos educacionais são importantes porque...



Fonte: Autoria própria.

É comum encontrarmos a divisão dos objetivos em GERAIS e ESPECÍFICOS. Os objetivos GERAIS expressam propósitos mais amplos acerca do papel da Escola frente ao contexto social e à responsabilidade pelo desenvolvimento integral dos alunos. Os objetivos gerais são enunciados que descrevem a conduta esperada do estudante em termos globais ou gerais. Usualmente são usados verbos ou termos que denotam condutas não observáveis. Alguns verbos usados comumente são: compreender, entender, apreciar, conhecer. Libâneo (1992) salienta que os objetivos educacionais gerais auxiliam os professores na seleção de objetivos específicos e conteúdos de ensino. Ayala (2005) indica que a função dos objetivos gerais é indicar a intenção ulterior da aprendizagem, o resultado ou o nível de competência que se espera que seja alcançado pelos objetivos específicos, aos quais dão significado. Os objetivos gerais respondem à pergunta: *O que é esperado que a instituição e o curso promovam nos alunos?*

Tendo em vista os objetivos gerais, os objetivos ESPECÍFICOS expressam as expectativas do professor sobre o que os alunos serão capazes de realizar e/ou desenvolver, ao término do processo de ensino-aprendizagem, bem como o auxiliam a definir estratégias, atividades e critérios de avaliação para tal. São enunciados de forma a descrever a conduta esperada dos estudantes em termos mensuráveis e este é seu critério essencial de definição: representam condutas observáveis e mensuráveis, isto é, descrevem a conduta que haverá de demonstrar o estudante como evidência de que aprendeu. Alguns verbos usados comumente são: identificar, comparar e contrastar, descrever, explicar, desenhar. A explicitação destes objetivos específicos por meio de redação clara é importante: não basta que estejam

“na cabeça” do professor. Os objetivos específicos respondem à pergunta: *O que é esperado que os alunos sejam capazes de realizar e/ou desenvolver, ao término da disciplina (ou etapa, módulo, unidade)?*



Figura 02 – Objetivos gerais e específicos.



Fonte: Autoria própria.

É importante frisar a relação entre objetivos gerais e objetivos específicos: os objetivos específicos são os enunciados que operacionalizam os objetivos gerais, tornando-os viáveis e mensuráveis; os objetivos gerais dão significado aos objetivos específicos. Sem os primeiros como referência, os objetivos específicos podem parecer limitados em seu alcance. Resumindo o exposto até aqui:

Redigir objetivos educacionais adequadamente é importante porque permite ao professor:

- ✓ *selecionar e organizar os conteúdos (procedimentais, atitudinais, conceituais e factuais) a serem apresentados na disciplina e o grau de complexidade com que serão abordados;*
- ✓ *selecionar as atividades e estratégias mais adequadas para os variados conteúdos;*
- ✓ *determinar os procedimentos e critérios de avaliação e esclarecer os alunos sobre os desempenhos esperados;*

Permite ainda que o professor:

- ✓ *tenha noção da abrangência da disciplina e se está em consonância com o Projeto Pedagógico do Curso;*
- ✓ *avalie o desenvolvimento da disciplina durante a oferta e a necessidade de aprimoramento.*

2. Por que utilizar uma taxonomia?



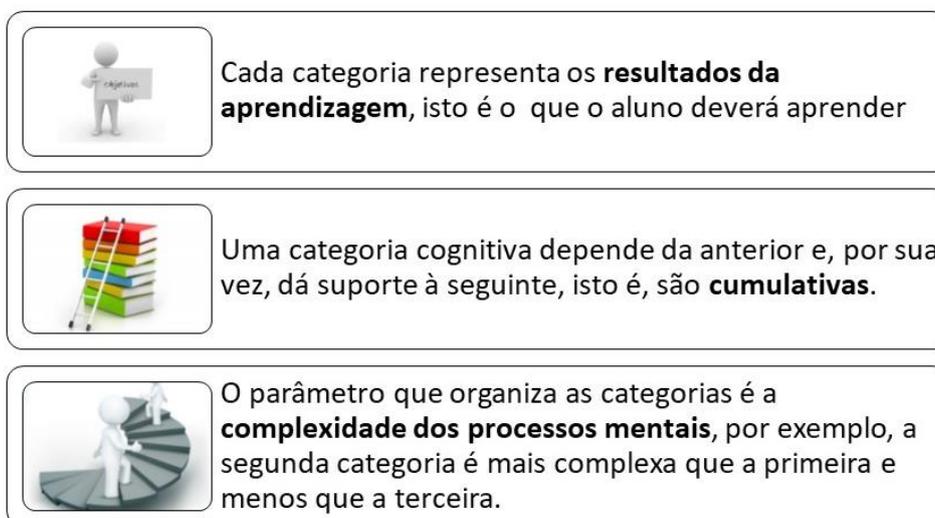
Por serem classificatórias, as taxonomias apresentam seus conteúdos em graus de complexidade, geralmente do mais simples para o mais complexo. Além disto, as categorias são inclusivas e dependentes, isto é, a anterior está contida na seguinte, que por sua vez está baseada na que a antecede. Bloom e colaboradores viram a teoria de taxonomia como uma ferramenta que padronizaria a linguagem sobre os objetivos de aprendizagem para facilitar a comunicação entre docentes e coordenadores, conteúdos, competências e grau de instrução desejado. Além disto, serviria como base para que determinados cursos definissem, de forma clara, objetivos e currículos baseados nas necessidades e diretrizes contextuais, regionais, federais e individuais (perfil do aluno); determinaria a congruência dos objetivos educacionais, atividade e avaliação de uma unidade, curso ou currículo; e definiria critérios para comparação de currículos, objetivos e cursos (FERRAZ e BELHOT, 2010; RODRIGUES JUNIOR, 1994; BLOOM, 1983).

3. Breves palavras sobre a taxonomia de Bloom revisada.

Ainda que não seja a única maneira de se propor a redação de objetivos, e para alguns nem a melhor, a taxonomia de Bloom tem sido a mais utilizada, particularmente por conta do forte campo de evidências empíricas acumuladas em mais de 50 anos de pesquisas, que corroboram a eficácia da proposta. Três princípios regem a taxonomia de Bloom, expressos na figura 3:

Figura 03 – Princípios que regem a taxonomia de Bloom.

Três princípios regem a Taxonomia de Bloom



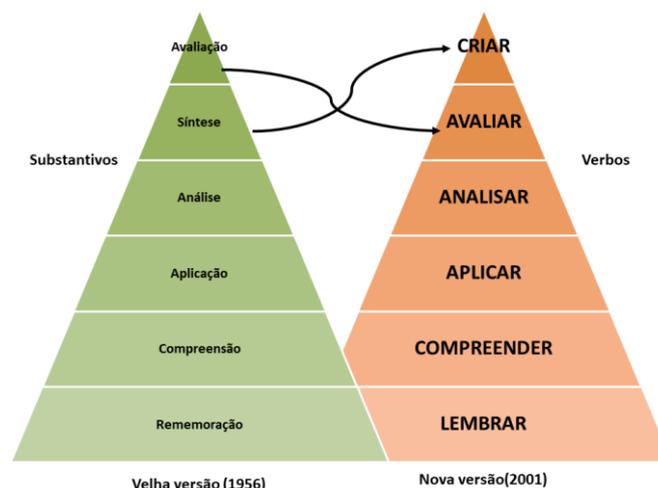
Fonte: Adaptado de Rodrigues Junior, 1994, p.10-1.

Decorre disto que a metáfora para expressar esta ideia é a pirâmide ou degraus, pois na sua base larga, assentam-se as camadas superiores. Esta é a imagem mais comum utilizada para representar a taxonomia de Bloom.

Antes de apresentarmos propriamente a taxonomia de Bloom, é preciso apresentar a revisão desta taxonomia efetuada por Anderson e colaboradores em 2001 (Anderson et al., 2001). Em 1999, Lorin Anderson publicou um significativo trabalho de retrospectiva da utilização da taxonomia e liderou um grupo de especialistas para discutir a possibilidade de rever os pressupostos teóricos da taxonomia de Bloom. Esse grupo de especialistas (psicólogos, educadores, especialistas em currículos, testes, avaliação etc.) foi supervisionado por David Krathwohl, que participou do desenvolvimento da taxonomia original em 1956. Em 2001, o relatório da revisão foi publicado num livro intitulado *A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Bloom's taxonomy for educational objectives* (FERRAZ e BELHOT, 2010), que passou a ser conhecida como a taxonomia de Bloom revisada. É esta revisão que passaremos a considerar daqui em diante.

Quais foram as alterações mais significativas, em relação à taxonomia original? Esse grupo tentou buscar o equilíbrio entre o que existia - a estruturação da taxonomia original - e os novos desenvolvimentos incorporados à educação nos mais de 50 anos de existência. Além de mudanças no entendimento de como o processo cognitivo ocorre, houve mudanças na forma como se propunha cada categoria de habilidades cognitivas (substantivos foram alterados para verbos; houve a inversão de duas categorias), bem como a redação dos objetivos a partir delas.

Figura 04 – Diferenças entre a velha e a nova versão da taxonomia de Bloom: inversão de categorias.

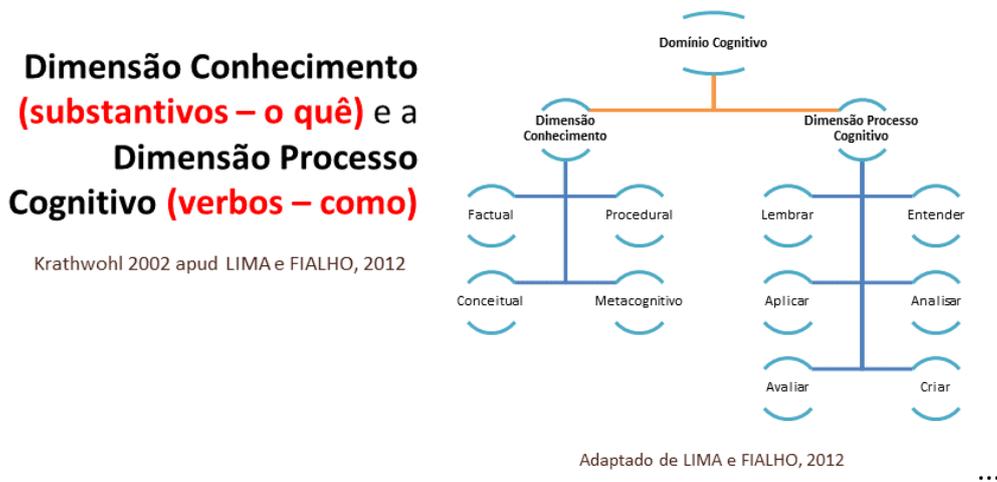


Fonte: Autoria própria.

Outra alteração importante foi a introdução de duas dimensões no Domínio Cognitivo³:

³ Bloom e seus colaboradores (Bloom et al., 1983b) também fizeram o levantamento de objetivos para os domínios afetivo e psicomotor, mas que não tiveram o mesmo impacto que o levantamento realizado para os objetivos no domínio cognitivo. Neste material tratamos apenas dos objetivos relacionados ao domínio cognitivo.

Figura 05 – Diferenças entre a velha e a nova versão da taxonomia de Bloom: introdução de duas dimensões no domínio cognitivo.



Fonte: Autoria própria.

Isso originou um novo modelo de utilização, que tem como estrutura uma tabela bidimensional.

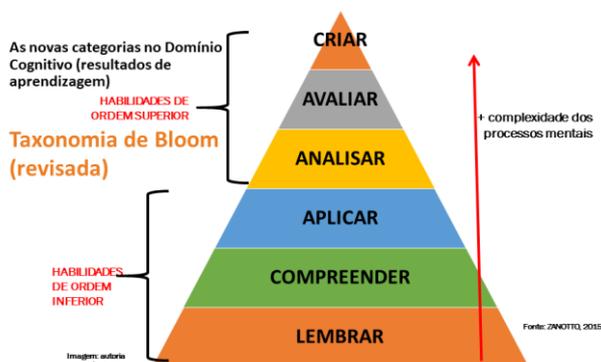
Quadro 1 – As duas dimensões do domínio cognitivo na taxonomia de Bloom revisada.

Dimensão do Conhecimento	Dimensão dos Processos Cognitivos					
	1 Lembrar	2 Entender	3 Aplicar	4 Analisar	5 Avaliar	6 Criar
A. Efetivo/factual						
B. Conceitual						
C. Procedural						
D. Metacognitivo						

Fonte: Ferraz e Belhot, 2010.

O grau de complexidade entre as categorias está relacionado aos processos mentais envolvidos em cada uma, denominados de *ordem inferior* ou *superior*. Não há juízo de valor nesta nomenclatura, pois não há como ocorrer pensamento de ordem superior (aplicação de estratégias e processos criativos) sem que se recorra à memória de fatos e conceitos, considerados de ordem inferior.

Figura 06 – Habilidades de pensamento de ordem inferior e superior, para o domínio cognitivo, associadas à taxonomia de Bloom.



Fonte: Adaptado de Anderson et al., 2001.

No quadro 2 abaixo, apresentamos a descrição de cada uma das habilidades cognitivas e os verbos a elas relacionados.

Quadro 2 - Hierarquia das habilidades cognitivas, na taxonomia de Bloom revisada.

Habilidades Cognitivas	Descrição
Lembrar	Relacionada a reconhecer e reproduzir ideias e conteúdos. Reconhecer requer distinguir e selecionar uma determinada informação e reproduzir ou recordar está mais relacionado à busca por uma informação relevante memorizada. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Reconhecendo e Reproduzindo.
Entender	Relacionada a estabelecer uma conexão entre o novo e o conhecimento previamente adquirido. A informação é entendida quando o aprendiz consegue reproduzi-la com suas “próprias palavras”. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Interpretando, Exemplificando, Classificando, Resumindo, Inferindo, Comparando e Explicando.
Aplicar	Relacionada a executar ou usar um procedimento numa situação específica e pode também abordar a aplicação de um conhecimento numa situação nova. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Executando e Implementando.
Analisar	Relacionada a dividir a informação em partes relevantes e irrelevantes, importantes e menos importantes e entender a inter-relação existente entre as partes. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Diferenciando, Organizando, Atribuindo e Concluindo.
Avaliar	Relacionado a realizar julgamentos baseados em critérios e padrões qualitativos e quantitativos ou de eficiência e eficácia. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Checando e Criticando.
Criar	Significa colocar elementos junto com o objetivo de criar uma nova visão, uma nova solução, estrutura ou modelo utilizando conhecimentos e habilidades previamente adquiridos. Envolve o desenvolvimento de ideias novas e originais, produtos e métodos por meio da percepção da interdisciplinaridade e da interdependência de conceitos. Representado pelos seguintes verbos no gerúndio: Generalizando, Planejando e Produzindo.

Fonte: Ferraz e Belhot, 2010.

Ayala (2005) propõe um exercício de demonstração, a partir da taxonomia de Bloom, tomando como exemplo os seguintes objetivos específicos possíveis de serem elencados para o mesmo tema *terrorismo*, em uma disciplina de História Contemporânea:

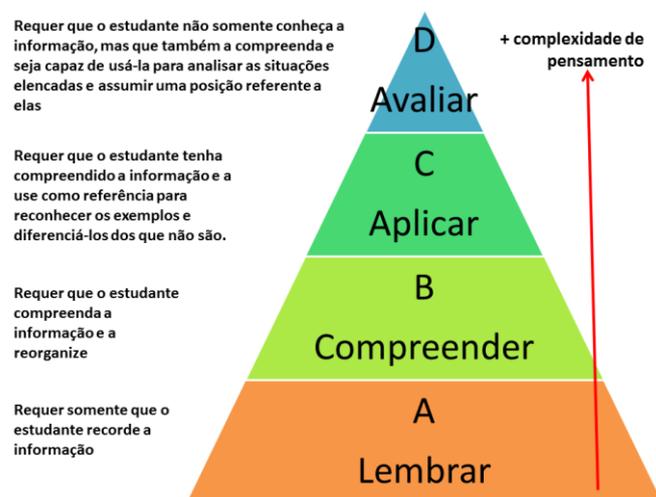
Quadro 3 – Objetivos específicos elencados para o tema *terrorismo*.

Categoria ou resultado de aprendizagem (ordem decrescente de complexidade)	Objetivo específico
AVALIAR	Tomando como base a definição oficial de terrorismo das Nações Unidas e outras organizações internacionais, redigir um documento, posicionando-se a respeito da legalidade das intervenções de algumas nações em outras nações. Tome como exemplo os casos de EUA vs Chile, China vs Tibete, EUA vs Iraque, Iraque vs Iran, EUA vs Puerto Rico.
APLICAR	Usando a definição oficial de terrorismo das Nações Unidas, explicar as situações apresentadas e classifica-las como situações de terrorismo ou não-terrorismo.
ENTENDER	Definir em suas próprias palavras o conceito de terrorismo a partir de uma série de exemplos.
LEMBRAR	Definir o conceito de terrorismo segundo a Organização das Nações Unidas.

Fonte: Adaptado Ayala, 2005.

Vamos analisar cada um deles, considerando as categorias da taxonomia de Bloom:

Figura 07 – Objetivos e habilidades de pensamento de ordem inferior e superior.



Fonte: Adaptado de Ayala, 2005; Bloom et al., 1983; Anderson et al., 2001.

4. Redigindo objetivos com a taxonomia de Bloom.

A taxonomia de Bloom pode ser usada em sua forma mais simples. O passo a passo é o seguinte:

Passo 1 - Decidir em que nível de habilidade será tratado o conteúdo ou qual o resultado de aprendizagem desejado. A partir do objetivo geral da disciplina, que normalmente consta no Projeto Pedagógico, o que será exigido dos alunos? Que ao término da disciplina tão somente *compreendam* (ENTENDER) o conteúdo visto ou o analisem (ANALISAR)? Que criem algo (CRIAR)? O professor é quem decide – *intenciona* – a complexidade das habilidades que exigirá e desenvolverá nos seus alunos, para determinado conteúdo. Na figura 08, compare algumas das habilidades, em níveis crescentes.

Figura 08 – Habilidades relacionadas aos níveis ENTENDER, ANALISAR e CRIAR.

Capacidade a desenvolver / Processo cognitivo envolvido	Tipo de conteúdo / aprendizagem e habilidades relacionadas	Capacidade a desenvolver / Processo cognitivo envolvido	Tipo de conteúdo / aprendizagem e habilidades relacionadas	Capacidade a desenvolver / Processo cognitivo envolvido	Tipo de conteúdo / aprendizagem e habilidades relacionadas
ENTENDER (COMPREENSÃO)	CONCEITOS E PRINCÍPIOS comparação e contraste/ identificação de estruturas/ identificação etapas de um processo; relacionar figuras/ comparar significados de palavras/ identificar a ideia principal; identificar relações / traduzir e interpretar.	ANALISAR (ANÁLISE)	Requer que o aluno separe as informações em elementos componentes e estabeleça relação entre as partes. Esta capacidade permite ao aluno identificar as partes componentes do assunto/tema, para entender sua estrutura e composição, para reconhecer falácias lógicas nas proposições e para distinguir entre fatos e inferências. Processo cognitivo envolvido: ANALISAR – dividir um conceito em partes relevantes e irrelevantes, importantes menos importantes, entender e descrever inter-relação existente entre elas.	CRIAR (SÍNTESE)	Consiste em unir as partes para formar um novo e original todo Processo cognitivo envolvido: INTEGRAÇÃO – reunir dados para formar algo novo ou reconhecer os componentes de uma nova estrutura. Significa colocar elementos juntos com o objetivo de criar uma nova visão, uma nova solução, estrutura ou modelo utilizando conhecimentos e habilidades previamente adquiridos. Envolve o desenvolvimento de ideias novas e originais, produtos e métodos por meio da percepção da interdisciplinaridade e da interdependência de conceitos.

Fonte: Adaptado de Anderson *et al.*, 2001; Paloff e Pratt, 2009; Churches, 2009.

Passo 2 – Definir a ação a ser executada, relacionada ao nível escolhido.

Um outro exemplo retirado de Ayala (2005). Um módulo de uma disciplina de psicologia postula como objetivo específico que *O estudante será capaz de resolver problemas e conflitos que confronte durante sua vida diária*. Este objetivo relaciona-se a um nível de habilidades superiores, como ANALISAR E CRIAR. É considerado um objetivo muito importante, porém inalcançável através desta experiência educacional.

Seria mais apropriado redigir este objetivo dentro de uma perspectiva mais real, no nível de ENTENDER: *Finalizado o estudo do módulo, o estudante conhecerá diversas estratégias para o manejo de problemas e conflitos que confronte em sua vida diária.*

Vemos que a segunda expressão é muito mais adequada como resultado direto de passar pela experiência da disciplina/módulo. O foco do objetivo está nas estratégias que servirão para solucionar problemas cotidianos de conflito e não na solução direta destes conflitos. Entretanto, podemos dizer que este objetivo é de caráter geral. Por meio do acréscimo de **ações (verbos) observáveis e mensuráveis relacionados a esta habilidade** de ENTENDER podemos tornar o objetivo mais efetivo e preciso, portanto um objetivo específico:

Quadro 4 – Verbos relacionados à categoria ENTENDER e sugestão de redação do objetivo.

Verbs relacionados à categoria ENTENDER	
Associando; Convertendo; Descrevendo; Diferenciando; Discutindo (as várias possibilidades de); Distinguindo (consequências); Explicando; Expressando (ponto de vista sobre...); Generalizando; Identificando; Ilustrando; Inferindo; Interpretando; Ordenando; Parafraseando; Prevendo; Reconhecendo; Redefinindo; Resumindo; Seleccionando; Situando; Sumarizando; Traduzindo; Caracterizando;	<p>Redação sugerida:</p> <p><i>Finalizado o estudo do módulo, o estudante conhecerá diversas estratégias para o manejo de problemas e conflitos que confronte em sua vida diária,</i></p> <p><i><u>discutindo</u> as várias estratégias e <u>distinguindo</u> as consequências de cada uma.</i></p>

Fonte: Adaptado de Anderson et al., 2001; Paloff e Pratt, 2009; Churches, 2009.

Por que estas ações (verbos) são consideradas **observáveis e mensuráveis**? Porque o comportamento (ações) do aluno – *ordenar, ilustrar, resumir* – e o resultado ou produto deste comportamento, se tornam evidentes e relacionados e podem ser avaliados pelo professor, por meio da entrega de uma lista (ou um glossário) e um mapa mental ou um texto escrito ou uma apresentação oral, atividades relacionadas a esta habilidade. Veja no quadro 4, as possíveis atividades relacionadas à categoria ENTENDER:

Quadro 05 – Atividades relacionadas à categoria ENTENDER.

<p>Tarefas e/ou atividades possíveis relacionadas à categoria Entender</p>	Interpretação de texto; Questionários dissertativo; Elaboração de mapa conceitual / mental; Resumos (do tipo paráfrase) / resumo de reportagem de um evento; WebQuest; Apresentação oral (Seminário, podcast, vídeo); Elaboração de timeline conceitual / sequência de eventos; Exposição de retratos / imagens relacionadas a uma temática; Atividades de busca na internet com apresentação de comentário pessoal; Elaboração de relatório de observação/ fichas de observação/ entrevistas / experimentos; Ilustrar / buscar imagens relacionadas à ideia principal; Esquemas; Diagrama; Fluxograma de processo; Quadros comparativos; Organogramas Infográficos.
---	--

Fonte: Adaptado de Anderson et al., 2001; Paloff e Pratt, 2009; Churches, 2009.

As ações (verbos) relacionadas a cada categoria são diferentes entre si e este é um dos aspectos interessantes do trabalho de Bloom e seus colegas: o levantamento de quais ações estariam relacionadas a que categorias e mais do que isto: evidenciar, por meio de estudos rigorosamente conduzidos, a correlação entre ambos – ações (verbos) e habilidades. Ao longo de mais de 50 anos de pesquisas, há um campo forte de evidências empíricas que corroboram a relação entre habilidades e ações (verbos) a elas relacionadas (RODRIGUES JUNIOR, 1994).



Isto significa dizer que o professor, ao intencionar que o aluno *compare dois argumentos*, está favorecendo o desenvolvimento da habilidade de análise, porque esta ação – *comparar* – está relacionada à categoria ANALISAR.

Vejamos mais exemplos a seguir, para um mesmo conteúdo:

LEMBRAR/CONHECIMENTO

*...que os alunos conheçam os marcos da Revolução Industrial, **listando** suas principais características.*

ANALISAR/ANÁLISE

*...que os alunos analisem os marcos da Revolução Industrial, **esquematizando e comparando** seus principais aspectos com a literatura indicada para tal.*



DICA: A elaboração destes dois objetivos pode ser expressa conjuntamente:

*...que os alunos conheçam e analisem os marcos da Revolução Industrial, **listando** suas principais características e **esquematizando e comparando** seus principais aspectos com a literatura indicada para tal.*

Certamente estes são objetivos mais plausíveis, realistas, além de observáveis e mensuráveis do que formulações do tipo:

...que os alunos estudem os marcos da Revolução Industrial.

Ou

...que os alunos aprendam sobre os marcos da Revolução Industrial.

Finalizando...

Como qualquer modelo teórico, a taxonomia de Bloom tem seus pontos fortes e fracos. Seu ponto mais forte foi ter pego um tópico muito importante – objetivos educacionais – e desenvolvido uma estrutura teórica em torno dele que pode ser utilizada pelos profissionais de ensino. Há evidências suficientes para mostrar que os professores que utilizam a taxonomia de Bloom fazem um trabalho

melhor em comparação com aqueles que não usam essa ferramenta. (RODRIGUES JUNIOR, 1994) Por outro lado, alguns verbos parecem “auto-explicativos”, como *analisar* ou *avaliar*. Além disso, há diversas metodologias baseadas em problemas e projetos (PBL, por exemplo), em que a utilização da taxonomia de Bloom deve ser bem analisada, sob o risco de redução do potencial educativo de tais metodologias.

Expressar a intencionalidade educativa por meio da elaboração de objetivos educacionais, apoiado numa taxonomia ou modelo representa, no nosso entendimento, uma maneira de potencializar o trabalho docente, justamente porque não é preciso “reinventar a roda”: é possível partir de um campo conceitual claro e posteriormente, o professor desenvolver a sua própria taxonomia de objetivos.

Referências.

ANDERSON, L. W. et. al. *A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Bloom's Taxonomy of Educational Objectives*. Nova York: Addison Wesley Longman, 2001. 336 p.

AYALA, R. A. O. *Redacción de objetivos de enseñanza para módulos de instrucción*. Centro de Competencias de la Comunicación. Universidad de Puerto Rico. Recinto de Humacao. 2005. Disponível: <<http://migre.me/pJoiZ>> e <http://www1.uprh.edu/ccm/modulos_ccc.htm> . Acesso em: 04 set. 2018.

BLOOM, B. S. et al. *Taxonomia de objetivos educacionais 1: domínio cognitivo*, 8ª edição, Trad. de Flávia Sant'anna, Porto Alegre, Globo, 1983a.

BLOOM, B. S. et al. *Taxonomia de objetivos educacionais 2: domínio afetivo*, Porto Alegre, Globo, 1983b.

CHURCHES, A. *Edorigami, blooms taxonomy and digital approaches - Bloom's Digital Taxonomy*, 2008. Disponível em: <http://www.cconline.org/wp-content/uploads/2013/11/Churches_2008_DigitalBloomsTaxonomyGuide.pdf>. Acesso em 06 set. 2018.

FERRAZ, A. P. C. M e BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *Gest. Prod., São Carlos*, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v17n2/a15v17n2.pdf>>. Acesso em 05 abr. 2018.

GIMENO SACRISTÁN, J. E PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Comprender e transformar o ensino*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MILL, D. (org.) *Dicionário crítico de educação e tecnologias e educação a distância*. Campinas, SP: Papirus, 2018.

PALLOFF, R. M. e PRATT, K. *Assessing the Online Learner: resources and strategies for faculty*. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2009 (Guides to Online Teaching and Learning).

ZANOTTO, M. A. C. A importância da elaboração de objetivos educacionais no Ensino Superior - Parte I: bases legais e históricas. Apostila. Secretaria Geral de Educação a Distância, UFSCar, São Carlos, SP. 2018. 12 p.



O texto **A importância da elaboração de objetivos educacionais no Ensino Superior - Parte II: redação de objetivos e expressão da intencionalidade educativa** de Maria Angélica C. Zanotto está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional. Para saber mais sobre os tipos de licença, visite <http://creativecommons.org.br/as-licencas/>

Como citar este material:

ZANOTTO, M. A. C. *A importância da elaboração de objetivos educacionais no Ensino Superior - Parte II: redação de objetivos e expressão da intencionalidade educativa*. Apostila. Secretaria Geral de Educação a Distância, UFSCar, São Carlos, SP. 2018. 15p.

INOVAEH

Espaço de Apoio ao Ensino Híbrido



<http://inovaeh.sead.ufscar.br/>

